

Apresentação	4
Ano 2009	
Honduras: Abaixo o golpe! Declaração da LIT-QI	6
Espanha: Da ditadura à monarquia. História de uma traição Felipe Alegria e Teo Navarro	11
Um balanço dos resultados obtidos pela Iniciativa Internacionalista Angel Luís Parras	19
Gaza e eleições confirmam natureza racista e genocida de Israel José Welmowicki	26
Dossiê América Central	
Perspectivas da revolução, 30 anos depois Bernardo Cerdeira	35
O sandinismo, ontem e hoje Guillermo Huembes e Manoel Sandoval	44
A Brigada Simón Bolívar Fernando Graco	56
Por que a luta armada? Alejandro Pereira	61
Elementos de um programa para a revolução na América Central Javier Fernández e Jhon Vega	65
Clássicos do Marxismo	
América Central: Seis países, uma nacionalidade, uma revolução Nahuel Moreno	74
Estudos	
O sistema financeiro mundial e sua crise - Parte 2 Alejandro Iturbe	81
IV Internacional	
Teses sobre o papel mundial do imperialismo norte-americano Leon Trotsky	92
Isto é História	
Paraguai: Qual foi o caráter do governo Rafael Franco? Ronald León	101
Pontos de Vista	
Greve britânica na refinaria Lindsey: greve xenófoba ou greve exemplar? José Moreno Pau	111
Mais uma face do dilema da humanidade: socialismo ou catástrofe ambiental Gilberto Marques e Indira Rocha Marques	121
Teoria	
O materialismo histórico e a sociabilidade humana: linguagem e pensamento Luis Fernando da Silva e Sueli Terezinha F. Martins	128

Apresentação



Essa edição da *Martismo Vivo* dedica seu Dossiê aos 30 anos da revolução nicaraguense, fato esse que abriu uma nova situação revolucionária em toda a América Central em 1979 e despertou grande entusiasmo no movimento de massas mundial. Mas, em uma década, esse entusiasmo transformou-se em decepção. A revolução centro-americana foi desviada e derrotada, contribuindo para o ceticismo que tomou conta da vanguarda lutadora. Hoje, uma nova situação mundial revolucionária, a eclosão da crise econômica que questionou o discurso triunfal do neoliberalismo e mostrou as calamidades do sistema capitalista-imperialista e também uma nova situação na América Central colocaram de novo no centro da cena política as mesmas correntes que estiveram à cabeça das guerrilhas dos anos 70 e 80. Desta vez, não pela ação armada contra as antigas ditaduras, mas como alternativas eleitorais. Saindo das trincheiras há anos, a FSLN e a FMLN ocupam hoje os palácios de governos da Nicarágua e El Salvador.

Nesse marco, Honduras está na ordem do dia. Esse país, que era a base de apoio do imperialismo para atacar as guerrilhas e o governo sandinista nos anos 80, hoje passa por um golpe militar. Apoiada na cúpula das Forças Armadas, e com o apoio da Igreja e dos partidos mais importantes, a oligarquia derrubou o governo eleito de Zelaya. As massas saíram às ruas, enfrentando o golpe. Mas, para derrotá-lo é fundamental que essa mobilização seja independente da política de dirigentes como Zelaya e seus aliados chavistas. Uma mobilização corajosa vem crescendo quando escrevemos essas linhas, e pode abrir uma situação mais avançada da luta de classes em toda a

região. Para informar nossos leitores, publicamos a declaração da LIT sobre Honduras.

As eleições européias no Estado espanhol demonstraram que não é somente na América Central que existem regimes ditos democráticos, mas com alto grau de bonapartismo e de opressão sobre as nacionalidades. Nesta edição da *Marxismo Vivo* trazemos artigos que explicam a natureza desse regime e o processo da *Iniciativa Internacionalista-Solidariedade entre os Povos*, uma frente que questionou a monarquia e suas leis discriminatórias, além de dar uma alternativa à vanguarda operária das lutas.

Quando fechávamos esta edição, o centro de outra revolução que sacudiu o mundo há 30 anos despertava: o Irã. As massas nas ruas protestavam contra uma fraude nas eleições controladas pelo regime autoritário. De tão fortes, as manifestações recordaram a revolução contra o Xá em 1979. Ao contrário do que disseram várias correntes de esquerda, que se apressaram em apoiar a ação do regime em nome de uma suposta defesa contra um ataque do imperialismo, reivindicamos essa ação das massas iranianas contra a ditadura dos aiatolás e dizemos que os trabalhadores devem colocar-se a favor dessa mobilização. Para romper com o imperialismo, não se pode confiar na burguesia ou na hierarquia xiita, e sim na força dos trabalhadores, da juventude, das mulheres e das nacionalidades oprimidas que enfrentam esse regime. Essa é uma discussão que nossa revista deverá abordar em próximas edições.